

Impasse adia o fim do encontro

Ansa

Durban — Os participantes da Cúpula das Nações Unidas sobre o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância Correlata passaram a noite de ontem tentando salvar o encontro. Para dar mais tempo às conversações, o encerramento oficial do encontro, previsto para a noite de ontem, foi adiado para hoje. As discussões oficiais foram encerradas às 24h (19h em Brasília) para serem reiniciadas pela manhã, mas os participantes realizaram encontros paralelos durante a madrugada para tentar romper os impasses.

No texto da Carta de Durban (África do Sul), o documento oficial, faltavam quatro parágrafos para serem discutidos. Entre eles o da questão do Oriente Médio, que está sendo barrada pelos árabes e muçulmanos; o do pedido de desculpas pela escravidão, o do colonialismo e o que trata da reparação financeira exigida pelos países africanos, mas rejeitada por europeus. O direito à orientação sexual não chegou a ser discutido porque foi barrado pelos países islâmicos.

Um consenso sobre esses pontos ainda é possível, segundo os ministros sul-africanos que atuam como mediadores na Cúpula de Durban. "Houve progressos substanciais", afirmava à noite o vice-ministro de Relações Exteriores, Aziz Pahad. O embaixador do Paquistão na representação da ONU em Genebra, Munir Akram, anunciou a disposição dos países islâmicos de aceitar o texto de compromisso proposto na quinta-feira pela África do Sul, que não acusa Israel de racismo, mas recorda os grandes sofrimentos dos palestinos sob a ocupação militar de uma potência estrangeira.

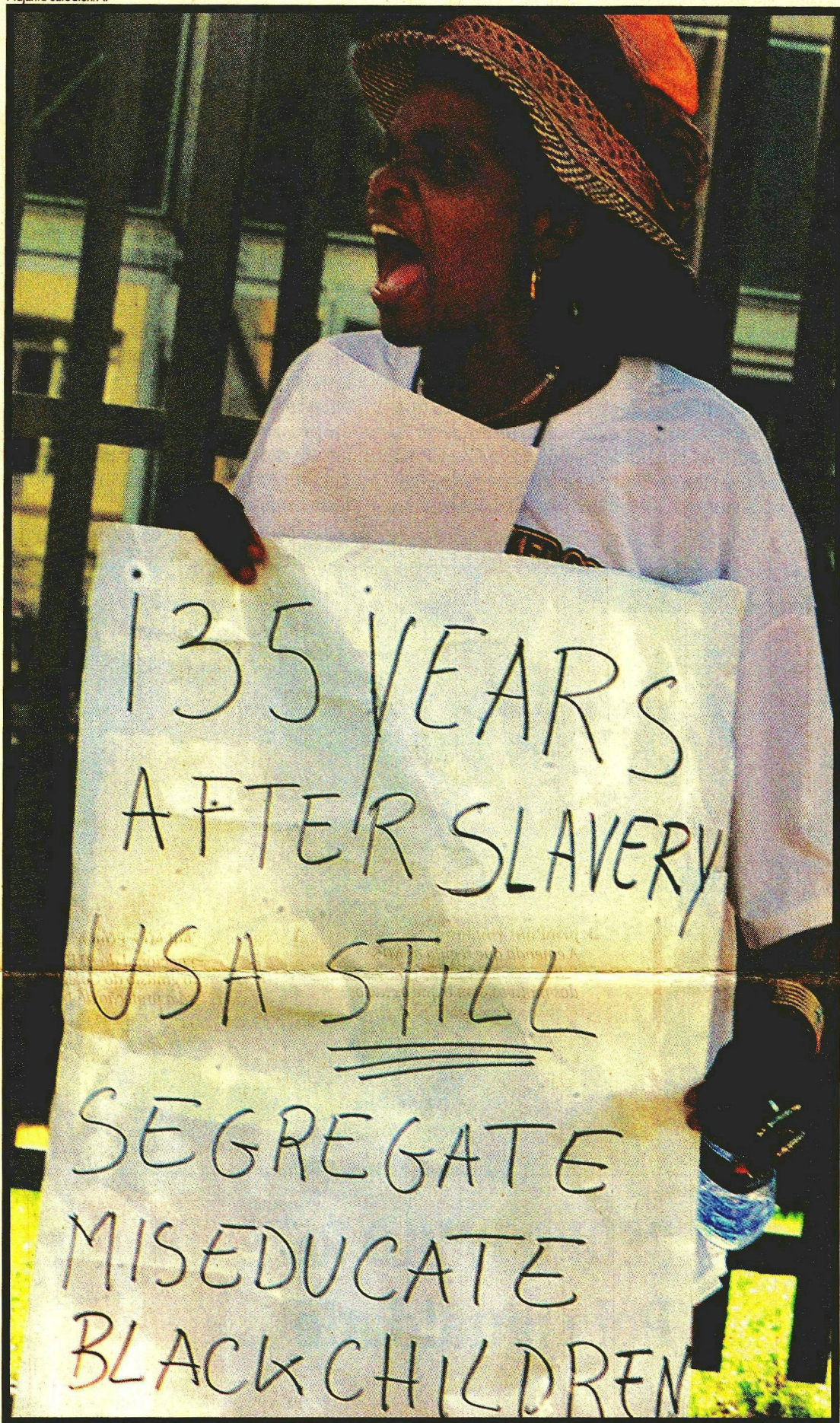
PALESTINOS

"Eum gesto de sacrifício por nossos irmãos africanos e de solidariedade para deixar em dificuldades a África do Sul, país anfitrião da Conferência", disse Akram. Mas os delegados palestinos voltaram a esfriar as esperanças de um acordo ao dizerem que os países árabes seguem firmes em sua posição de repúdio ao texto, que não condena Israel explicitamente.

Os europeus aceitaram o texto revisado e corrigido pela África do Sul na quinta e ontem não participaram das discussões. "A Europa concedeu tudo o que está disposta a conceder", declarou Koen Vervaeke, porta-voz da delegação da União Européia (UE).

Segundo alguns diplomatas, os países árabes poderiam escolher a solução de não bloquear a proposta de compromisso sul-africana sem aceitá-lo explicitamente. Dessa maneira, a declaração final da conferência seria votada em sessão plenária. As regras estabelecem que, na ausência de consenso, os documentos devem ser submetidos à votação. A apro-

Mujahid Safodien/AP



MANIFESTANTE DE UMA ONG NORTE-AMERICANA PROTESTA CONTRA A SITUAÇÃO DOS NEGROS EM SEU PAÍS

O QUE IMPEDE O CONSENSO

■ A exigência dos palestinos e dos países árabes em definir o semitismo como uma forma de racismo.

■ A falta de unanimidade em relação à proposta de classificar como crimes contra a humanidade a

escravidão e o tráfico de escravos.

■ A resistência dos europeus em apresentar desculpas formais aos africanos pela escravidão, abrindo a possibilidade para pedidos de indenização.

vação ocorre com uma maioria de dois terços.

Também sobre outra questão controversa, a da escravidão, as

negociações continuam congeladas. Depois de aceitar os pedidos da UE de não definir o colonialismo como um crime contra a hu-

manidade, os países africanos ainda exigem uma desculpa oficial do Ocidente pelo tráfico de escravos, enquanto os europeus estão dispostos a expressar apenas remorso.

A União Européia teme que as desculpas oficiais possam abrir uma brecha a processos de indenização e infinitas demandas judiciais contra os países escravagistas. Os países africanos estão dispostos a abandonar a idéia de indenizações monetárias, mas pedem em troca uma série de compromissos, como a anulação da dívida externa e mais investimentos para o desenvolvimento social.